4.º Anno — DOMINGO 31 DE DEZEMBRO DE 1911 — N.º 51

CORREIO DE VOUGA

Semanario
independente, noticioso e litterario
Orgão dos interesses da villa d'Eixo

Annunciam-se, gratuitamente, todas as publicações que nos forem enviadas.

COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO
na Typographia A. F. Vasconcellos, Suc.
Rua de Sá Noronha, 51
PORTO

DIRECTOR E PROPRIETARIO:
ALFREDO RODRIGUES COELHO DE MAGALHÃES
Editor—*José Ferreira de Magalhães*

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO
NA
R. DO COMMERCIO DO PORTO, 124-B
PORTO

Não se devolvem originaes nem se acceita collaboração que não seja sollicitada.

Res non verba

Os romanos essencialmente praticos, como hoje são todos os povos que não pertencem á raça latina, queriam significar por taes palavras a vantagem, que provém á republica de se empregarem as menos palavras possiveis e de se resolverem as questões rapidamente. A boa gerencia dos negocios de qualquer nação exige hoje, mais do que nunca, a maior parcimonia de palavras, o mais firme criterio na resolução dos variados problêmas e a rapida e immediata solução desses mesmos problêmas.

Em opposição a isto que fica exposto estamos numa nova epocha byzantina. O caso mais simples, a questão de mais facil resolução apparece discutida na imprensa por modos variados gastando-se muito tempo, esgotando-se toda a synonimia e empregando-se erudicção enfadonha, descabida, insonsa, erudicção que chega a ser um pessimo attestado contra quem a emprega.

Nós somos um povo de palradores, de graphomanos. Por uma simples futilidade faz-se um comicio, onde vão patentear os seus dotes oratorios aquelles que trazem a cabeça a regorgitar de citações de auctores, que... nunca leram, como por méra futilidade se vem para a imprensa encher columnas de jornaes com assumptos que não valem o papel, a tinta e, sobretudo, o tempo dispendido. Mas gostamos de escrever muito e os nossos archivos deixariam a perder de vista os archivos dos nossos visinhos hespanhoes encontrados pelos americanos quando da guerra de Cuba. E se os americanos ao verem a papellada dos hespanhoes disséram que em Hespanha se escrevia demasiado, o que diriam elles se examinassem a nossa engrenagem burocratrica? Um exemplo, dos muitos que ha, basta para se fazer uma simples ideia do tempo que se dispende doudamente.

Numa caserna de qualquer regimento parte-se uma chaminé de um candieiro que pode custar 30 reis. De manhã o caso é levado ao conhecimento do 1.º sargento e, acto seguido, este faz uma requisição num oitavo de papel almasso, que entrega ao capitão para assignar, logo que este chega ao quartel.

Assignada a requisição o capitão vae apresenta-la ao major para este a rubricar e, feita a rubrica, o major vae apresentar a requisição ao tenente coronel para pôr o visto. Depois de todos estes caminhos andados a requisição é entregue ao secretario do Conselho administrativo e por este official dada ao quarteleiro geral para este fornecer a chaminé. E eis aqui por 30 reis quanto tempo se perdeu. E quantos outros casos á semelhança de este?

Apparece numa secretaria um pretendente qualquer a pedir a resolução de um assumpto; ouve logo esta resposta:—«traga um memorial». Muitas vezes dizem-lhe:—«requeira». Se não tivér padrinho a protege-lo, embora tenha todo o direito em ser deferida a sua pretenção quer o memorial, quer o requerimento, vão para os papeis velhos. Um caso recente vem confirmar isto, caso de que somos testemunha probatoria, se preciso fôr.

Um pobre professor primario vendo-se indignamente perseguido pelo respectivo inspector pediu para ser transferido de localidade para outra onde havia varias vagas. Exigiram-lhe não sabemos quantos memoriaes; depois mandaram-no requerer para concurso e, volvidos mais de seis mezes, apezar de ter já vaga, ainda está por transferir. Mas se para este pobre professor foi necessario tanto papel gasto, e tanto tempo perdido, para se nomear inspector um homem incompetente, affastado do magisterio havia mais de vinte annos, nada disso foi preciso; bastou a vontade de quem dispunha do logar. Não nos parece que sejam casos para edificar, este e outros que muito bem sabemos.

Isto são verdades, e como são verdades hão-de dizer-se sem que possa perigar alguem; dizer mentiras é que póde originar males, e para mentir nunca nos prestariamos; mas para dizer verdades com todas as lettras estamos sempre bem dispostos e não hesitaremos, porque não acceitamos a maxima de que *nem todas as verdades se dizem;* bem pelo contrario, *todas as verdades se devem dizer*, e assim o faremos sempre.

E, do que dissermos e escrevermos assumimos inteira e completa responsabilidade.

C.

PAUSAS DA VIDA

XIX

MANEIRAS DE VER AS COISAS

A's vezes apanham-se, caminho andando, ditos conceituosos. D'um d'esses vou eu dar conta:

Que estrada tão linda, a que vae de Aveiro a Cacia! larga, plana, solitaria, ondulante, fechada pela sombra dos platanos e dos eucalyptos: que mais se poderia exigir de uma estrada?

Pois foi ahi, ha uns tres annos para quatro.

Eu avançava lentamente, sorvendo gotta a gotta a taça consoladora que a paz da natureza e da consciencia me chegavam n'aquelle momento aos labios. Palavras eloquentes fallavam ao meu coração: até o bulir de uma folha, até uma abelha a zumbir a sua gula em volta da madresilva!

Conhecem o *D. Abbondio*, de Alexandre Manzoni? assim eu, rezava um psalmo do meu breviario, e depois, com o coração a trasbordar de poesia e de fé, mettia o indicador nas folhas do livro, fechava-o atraz das costas, e deixava á natureza cantar a antiphana propria: o quê? qualquer pequenina coisa, uma agulha a cahir de um pinheiro no meio do chão, a carriça a piar mettida nos espinheiros!

Então imaginavam que o psalterio do rei David era qualquer pedaço carunchoso de litteratura?!

N'esse dia viam-se na estrada dois homens: um camponez, de mão callosa na vara dos bois á maneira de porta-estandarte, de camisa aberta no peito e a sahir em tufos da cintura das calças, de cara redonda e rapada, de olhar finorio; e outro que era o lettrado, com um casaco preto até aos joelhos.

Ambos elles estavam parados ao pé de um eucalypto gigantesco que o tufão derrubára. Parecia um navio encalhado, parecia o Golias tombado no chão!

Quando eu passei, dizia o que tinha na mão a vara dos bois:

—Não tenha pena, sr. dr. Jacintho! isto são arvores levadas de seiscentos diabos! onde poisam, é seu! imagina lá quantos alqueires de pão isto come!

—Valha-te Deus, Ildefonso! respondia o que estava vestido de preto. Imaginas que eu vejo a natureza como tu, homem, com olhos de lavrador?!

—Ora muito boas tardes, meus senhores!

—Ora viva, sr. padre, muito boas tardes lhe dê o Senhor!

Loanda, 29 de Setembro de 1911.

João, Bispo d'Angola e Congo.

Dizeres do povo

POR

Antonio Correia d'Oliveira

VII

—De mau grão, nunca bom pão.—
Conforme: Ha sempre maneira
De apurar a má farinha,
Passando-a em boa peneira.

VIII

—Quem dá o pão, da a criação.—
Duas offertas de amor:
Uma, sustento da vida;
Outra, seu doce sabor.

IX

—Palavra, fóra da boca,
E' pedra fóra da mão:—
Mas as pedras vão, e ficam;
As palavras vem, e vão...

X

—Muito fallas, pouco acertas...—
Veste ao pensamento honrado
Um vestido de palavras
Bem medido bem lavado.

XI

—Sim e não são duas coisas.—
Mas uma só coisa são,
Se o coração nos diz sim
E a boca nos diz que não.

XII

—Cá e lá más fadas ha.—
Oh quanto melhor seria
Dizer-se que, lá e cá,
Só boas fadas havia!

O claustro da manga existente em Santa Cruz de Coimbra, foi assim chamado, por D. João III, lhe haver dado o risco. desenhando-o na manga do seu roupão.

Cartas de um homem obscuro

V

(CONTINUAÇÃO)

Os espectaculos de méra recreação, ou exercicios, eram: *pirrica*, dansa militar do nome de Pyrro seu inventor; esta dansa consistia num combate simulado no qual os combatentes vinham de espadas, algumas vezes de paus e de escudos, atirando golpes e recebendo-os nos escudos com cadencia e uniformidade; *jogo troyano*, combate tambem fingido, executado por meninos filhos de nobres, montados em cavallos; era a commemoração do espectaculo de que falla Virgilio no livro V da Eneida, dado por Ascanio e outros meninos troyanos; principia no verso 545,

At pater Aeneas, nondum certamine nisso,

e vae até ao verso 602; exercicios gymnasticos,—*ludi gymnici*,—comprehendiam a lucta, carreira, saltos, disco ou barra, arremêsso de frechas, pugilato, cesto e manejo de armas. Estes exercicios eram ensaiados numa escóla,—*gymnasium*,—e tinham tal nome do grêgo, — *gymnos*;—que significa *nú*, porque os competidôres iam nús, excepto do meio do corpo, e untados com azeite, ou cêra, para maior flexibilidade dos membros, e sobre taes substancias espalhavam areia, para mais facilmente se agarrarem.

Vejamos agora os espectaculos dos gladiadôres nos amphitheatros.

O amphitheatro, que podia comportar cincoenta mil pessoas, constava de três partes: a primeira, que era semelhante a um theatro, ficava mais baixa e formava uma plateia de arcia, que se chamava,—*cavea*,—por ser cheia de cavidades subterraneas, das quaes umas serviam para encerrar as féras, e outras para conservar as aguas destinadas aos divertimentos das *naumachias*, ou batalhas navaes. Tambem servia para arrecadação dos instrumentos e utensilios necessarios aos jogos; por ser esta parte do amphitheatro muito unida e areenta, deu-se-lhe o nome de arena.

A segunda parte, que ficava em roda da primeira, comprehendia um grande corpo do edificio em que havia degraus, ou bancadas dispostas de modo que os espectadôres da frente estando sentados não impediam os que estavam nas bancadas de traz de verem os espectaculos. Finalmente, a terceira parte servia para guardar os diversos animaes, cavallos para as carreiras, para os carros e para os athletas.

Em regra o amphitheatro tinha a forma elyptica, e a arêna, dependente de tal forma, ganhava em comprimento, o que perdia em largura. Afim de evitar que os espectadôres ficassem expostos aos animaes ferozes a base do edificio, sobre que se collocava a grade ficava á altura de doze a quinze pés da arena e tinha uma balaustrada, guarnecida de modo que a tornava inaccesivel; os animaes ficavam alojados pela parte inferior, em lojas ou compartimentos separados. Sobre a parte anterior da plataforma, ou

varanda, estavam os logares reservados para os senadores, para as vestaes e para os magistrados que tinham o direito de tomar assento na orchesta. A espaço chamava-se, —*podium*,— por causa da balaustrada, que o guarnecia.

Os gladiadores, que eram soldados da mais baixa esphera eram exercitados em escólas, sob a direcção de mestres eximios, e sujeitavam se aos mais duros exercicios, e á mais rigorosa disciplina. Estas escólas, onde os alistados para gladiadôres se exercitavam compunham-se, como se vê nas ruinas de Pompeia e num edificio proximo de um amphitheatro, de um grande atrio, cercado de um portico para os exercicios; uma serie de cellas estreitas, apenas com 4 metros de largura, o maximo, e recebendo a luz do atrio, taes eram as habitações dos gladiadôres. Numa destas cellas destinada a prisão encontraram-se quatro esquelêtos juntos de instrumentos de torturas. Nestas escólas de athletismo a vida destes homens era um continuo mixto de duros tractos e de solicitos cuidados; á menor falta eram punidos com um chicóte, ou marcados com um ferro em brasa; mas ao mesmo tempo, como era necessario desinvolver-lhes as forças, serviam-lhes abundantes alimentos e dos mais substanciaes.

Entre o pessoal da escóla havia certo numero de escravos, cuja missão era friccionar todos os dias os corpos dos gladiadores, especie de massagem, para lhes tornar os membros mais robustos, e tambem havia medicos incumbidos de vigiar pela saude e de curar as feridas. Em regra o curso durava um, ou dois annos.

Com uma semana, ou mais de antecedencia, era annunciado o espectaculo, affixando-se annuncios por toda a cidade; estes annuncios eram feitos em quadros de madeira, expostos bem á vista em todos os cruzamentos de ruas. Tambem se copiavam estes annuncios em fórma de programmas, que se vendiam por toda a cidade.

No dia marcado as ruas enchiam-se de curiosos dos arrabaldes, e das cidades circumvisinhas; dirigiam se para o amphitheatro; todas as edades, todas as profissões, todas as condições ahi estavam representadas. Os que tinham camarote, ou logar marcado, que não eram sacerdotes, magistrados, ou membros de qualquer corporação importante, tinham de comprar o bilhete no *guichet*, se não preferissem compra-lo á entrada a algum revendedor. Cada um se apressava, atravez das extensas galerias e das escadas apinhadas de uma multidão que grita: «*é a hora de principiar o espectaculo.*»

Entram os gladiadores na arena, num carro, ou em varios carros, luxuosamente guarnecidos;á sua passagem a multidão aclama-os, lembrando os seus nomes e as suas passadas glorias; vêem ricamente vestidos, e trazem armas rutilantes. Dado o signal avançam e vão desfilar deante dos espectadores, em duas fileiras e, ao chegarem defronte do camarote daquelle que preside ao espectaculo exclamam:—«Ave, Caesar, morituri te salutant!» — Depois abatem as armas e verificam a sua solidês e gume.

Antes do combate verdadeiro fazem um simulacro; os combatentes ferem se com armas embotadas, aquecem-se e collocam-se nas melhores disposições para o combate definitivo.

Finalmente soam as trombetas; é o signal da lucta a valer. Successivamente todos os generos de gladiadores vão tomar parte no espectaculo, ao som das fanfarras e dos córos. Os *reciarios*, semi-núS, sem outra defensa do que um laço, sem outras armas além de um tridente e um punhal, fazem evoluções na arena seguidos pelos *secutores*, cobertos com um capacête, com um escudo e armados de espada ou, seguindo por sua voz os *gaulêses* e os *mirmillones* que, pesadamente armados, os espéram de joelhos e de viseira baixa; aquelles deviam involver o adversario, paralysar-lhe os movimentos e dar-lhe o golpe moral.

(*Continúa*).

Cecrops.

ASSUMPTOS LOCAES

D'um nosso prezado conterraneo, que muito se tem interessado pelo progresso e bem estar d'esta villa, recebemos apreciaveis esclarecimentos sobre algumas das necessidades locaes mais urgentes.

Muito obrigados.

Havemos de aproveitá-los, logo que julguemos opportuno voltar a tratar dos assumptos a que se referem. E para evitar ao nosso amavel conterraneo o trabalho de perguntar-nos se não será sempre opportuno fallar do que é de interesse collectivo, apressamo-nos a dar a seguinte explicação: Depois de termos, em numeros successivos, apontado o que de mais urgente esta terra reclama, para o seu desenvolvimento material e moral, pareceu-nos rasoavel dar tempo, para pensar e deliberar-se, a quem tem obrigação de realisar os melhoramentos que apontámos como indispensaveis.

Antes de terminar, permitta-nos o nosso conterraneo que registêmos esta passagem da sua carta:

«Por aqui havia coisas dignas de se dizerem no jornal mas o meu amigo não gosta de pimenta...»

Adivinhou. Não gostamos de pimenta, tome-se a palavra em que acepção se tomar, e odiamo-la, quands tem a significação que parece dever attribuir-se-lhe no caso presente.

O nosso prestante e amavel conterraneo, por mais protestos que nos venha fazer em contrario, dá o caváco por uma questãosinha na imprensa.

Isto não se diz para o melindrar, pois elle «sabe muito bem que o estimamos como amigo e como cidadão. Diz-se apenas, para aproveitar o ensejo de mais uma vez justtficarmos o orientação deste jornal.

A imprensa—temos dito esta ignorada banalidade centenas de vezes—tem, acima de tudo, de educar, e não conhecemos nada que mais deprima o caracter d'um povo do que a má imprensa quando ella, como em geral faz a portugueza, á discussão de ideias, de principios e de factos, prefere a discussão de pessoas.

Esta maneira de vêr tem-nos eustado caro, mas nem uma vez ainda, felizmente, nos passou pelo espirito a ideia de a abandonar.

De resto, fique certo o nosso presado conterraneo que temos na maxima consideração os seus esclarecimentos e que havemos de aproveitá-los, logo que nos occupemos, novamente, dos assumptos a que elles se referem.

Notas ligeiras

NOS PUDET!

São d'um illustradissimo collaborador deste jornal as seguintes considerações:

O poeta Plauto, eximio imitador de Epicharmo, como o diz Horacio numa das suas epistolas, escreveu 20 comedias destacando-se de entre ellas a comedia,—*Captivi*,—considerada uma das suas melhores producções. Nessa comedia narra elle o infortunio do velho Hegion, que perdeu os seus dous filhos, um roubado por um escravo e o outro feito prisioneiro de guerra e levado como escravo para a Elida. Perante um plano que lhe propuzeram Hegion exclamou: —*Nos pudet!* Tal nós dizemos hoje perante um facto que devéras nos revoltou e, por certo, revoltou todas as pessoas de são criterio, amantes da liberdade, da ordem.

No «Seculo» n.º 10790 de segunda-feira, 25 de dezembro do anno de 1911, na segunda columna da segunda pagina, e quasi no alto, vem uma local sob a epigraphe,=«A missa do gallo no Soccorro»,—e que diz assim:—«Realisou-se hontem em varios templos da capital a tradicional festividade religiosa conhecida pela missa do gallo. Na do Soccorro, porém, a meio da cerimonia, entrou um grupo de individuos, os quaes, começando a fallar alto e a cantar, deram motivo a que os devotos fossem assaltados por um pavôr extraordinario e o padre desse a missa por terminada, sahindo toda a gente da egreja e fechando-se a porta do templo».—Taes as palavras da local.

Que o desacato apontado na local do «Seculo» se tivesse dado em Marrocos, no Dahomey, ou em Somali comprehender-se-hia; mas em Lisboa custa a acreditar. E quem attentou contra as crenças alheias, contra a liberdade incontestavel que assiste a qualquer de ter um culto seu? Foram os republicanos honestos, foram os que teem apregoado aos quatro ventos que dentro da republica cabem todas as crenças? Não! Os que praticaram a sordida, a asquerosa proêsa narrada pelo «Seculo» foram, são e serão a mais baixa escoria social; são féras com forma humana; são os frequentadores dos bairros infectos da Mouraria e de Alfama, são janisaros de faca assassina, são os souteneurs das desgraçadas que só pódem viver em bairros lôbregos. Triste espectaculo, vergonha das vergonhas. Para casos destes um processo sumario, uma condemnação que ficasse de escarmento afim de amanhã não termos de assistir a repetição.

O jornal republicano «A Lucta», publicou sobre o mesmo assumpto o seguinte, sob a epigraphe

BEM FEITO

A justiça condemnou uns individuos que fizeram desacato na egreja do Soccorro, á hora da missa do gallo. Faz muito bem a justiça. Taes manifestações bachicas de livre-pensamento não podem ser permittidas, e de cada vez que se produzem devem ser punidas com rigor.

A' egreja só vae quem quer, mas quem lá fôr tem de haver-se com respeito. Tudo que não seja isto é abuso criminoso.

VERSOS

O revisor deste jornal tem muito que fazer e muito em que pensar, de modo que, uma vez por outra, encarrega os typographos de o substituirem, vendo-se, ás vezes, na mesma necessidade, o director. Isto representa, da parte d'ambos, uma prova de confiança no corpo typographico do jornal, que, por mal dos nossos peccados, já lhes tem sahido bem cara. Ainda no ultimo numero, o typographo-paginador, vendo aproximar-se a hora do jornal entrar na machina,sem saber como havia decompletar uma columna, pegou no primeiro soneto que se lhe deparou, da lavra do sr. Moreira Bello.

Ao lermos o soneto, já depois do jornal impresso, ficámos arreliadissimos, e logo previmos o sem numero de reclamações e protestos que nos enviariam os auctores de innumeras poesias a que temos recusado publicidade.

Dada esta explicação, seria até desprimoroso pedir-lhes desculpa.

D'ALÉM-MAR

Manaus, 13-12-911

Continua accesa a lucta politica neste estado.

Num dos ultimos dias foi a cidade alarmada com o boato de que o Inspector desta Região militar, ia atacar o quartel da força policial do Estado. Como é facil de prever, esta estardalhante noticia sobrexcitou extrarordinariamente os animos. De toda a parte surgiam os mais energicos protestos contra esse vandalico attentado, pois viria tornar mais tensa a crise nunca vista que aggrava este opulento Estado.

Ao outro dia em que todos estes boatos circularam, sem que nada tivesse havido para os confirmar, a não ser a estadia de promptidão durante toda a noite da força policial, deu-se uma conferencia entre o Inspector da 1.ª Região Militar, cuja séde é esta cidade, com o governador do Estado, da qual resultou telegrapharem em commum ao Presidente da Republica, assegurando que reina completa calma e que envidarão todos os esforços para que ella perdure.

Os jornaes da capital, publicaram a summula d'essa conferencia desmentindo formalmente que tivessem qualquer fundamento os boatos que tanto sobresaltaram a população d'esta, até ha bem pouco, pacata *urbs*.

Pessoa conhecedora dos meandros da politica de sua terra e *habitué* dos seus bastidores, assegurou-nos, porém, que algo de grave se ia passando e que os boatos circulantes tinham seu cunho de verdade.

Nós que temos assistido ao desenrolar ora tragico ora comico da Comedia Politica Amazonense, abstemo-nos de emittir considerações a respeito, porque sabemos o perigo que corre a tranquilidade d'aquelle que a isso se atreve.

Isto aqui é assim!...

—Naufragou no dia 8 do corrente, no logar denominado Caldeirão, rio Salimães, quando atravessava este rio, a lancha *Armindo*.

O triste desastre foi todo casual, pois que o naufragio deu-se devido a um rebojo que a agua forma quando se irrita.

A submersão foi rapida, tendo ficado todos os passageiros e tripulantes á tona d'agua.Assim mesmo, felizmente, conseguiram salvar-se quasi todos, perecendo, no entanto, ainda dois passageiros e dois tripulantes.

O casco da lancha estava seguro em 40.000$000 no *Loyd Amazonense*. Mercadorias, bagagens, etc., foi tudo perdido, sendo total o prejuizo.

—Deu-se, ha dias, na rua Barroso, um grande roubo de joias. O gatuno preso d'ahi a dois dias, confessou o crime e descobriu onde occultara o roubo, sendo quasi todo apprehendido.

O gatuno chama-se Vicente Lopes Barroso, dizia-se segundo sargento d'armada e já se acha recolhido á casa de Detenção.

—Tambem foi victima de um grande roubo o joven e illustre clinico amazonense Dr. Adriano Jorge, uma das mais simpathicas figuras do nosso meio social.

Tambem foi descoberto o roubo assim como o gatuno, um tal *Cegueta*.

Ha uns tempos a esta parte poucos teem sido os dias que não se tenham dado roubos mais ou menos de valor e a policia assiste indifferente e impassivel a este assalto á propriedade particular.

Nós, que tambem somos victimas d'essa quadrilha que nos não deixa socegados, muito temos a dizer sobre o *faro policial* da nossa policia!

Como é um caso estenso, comico e ridiculo, fica para quando tivermos mais vagar.

A perfectibilidade humana está longe de ser uma realidade. A infamia, a maldade e o egoismo, hão-de ser eternamente apanagios que definam a humanidade. Ha excepções, mas essas, infelizmente são raras.

Por um desses acasos que só o mesmo acaso explica, chegou-nos ás mãos o «Seculo» de Lisboa, de 13 do mez passado. Qual não é o meu espanto ao fixar a vista sobre uma gravura que vem na 7.ª pagina e reconheço uma jovem e um individuo, ambos da minha terra natal.

Sobre a gravura, em caractéres grandes, vinha escripto: *Negociante de Carne Humana*, titulo que mais excitou a minha curiosidade.

O que para baixo se lê é a synthese nua e crua d'uma alma de lama.

Esse individuo, figura nojenta e asquerosa, seduziu, com promessas de enviar para o Brazil, o El-dorado sonhado de todos os nossos patricios e patricias, uma jovem de 18 annos! Em sua companhia se encontram mais duas desgraçadas que juntamente com aquella seriam atiradas ao chegar a este paiz, ao lodaçal do vicio! Que almas vis, não acobertam certos fragmentos osseos cobertos por uma camada espessa chamada —carne.

Aquella iovem, filha de paes pauperrimos, tinha um unico escudo em que se firmar e com o qual se impunha á consideração de todos—a sua honra; hoje o que lhe resta? o desprezo, o ridiculo d'essas massas ignorantes com caras alvares e por fim a miseria, o desespero, a revolta e a... morte!

E o miseravel auctor de estas torpes façanhas, continuará com o seu risosinho velhaco, a fazer novas proezas que a turba ignara e soez applaudirá.

E, *Le Monde marche*.

— Um dos assumptos que me parece mais transcendente interesse offerece para a nossa patria, é a emigração feminina. O que até ha pouco tempo era uma necessidade, é hoje um perigo.

Quando ha doze annos, tinhamos então onze, pela primeira vez saltavamos nesta terra, nossas papatricias aqui podiam-se como se costuma dizer, contar a dedo. A pouco e pouco foi augmentando o pequeno numero existente a ponto de hoje constituir a causa principal de descredito para o nosso paiz. Não bastava a larga exportação que o norte fazia dos seus mais robustos filhos, cuja estupidez e crassa ignorancia era e é o principal elemento de ataque á nossa colonia por parte de nacionaes e estrangeiros, veio, para nossa infelicidade, essa nova praga, terrivel e implacavel, amesquinhar-nos e roubar-nos a pouca preponderancia moral que usufruiamos em face d'outras colonias e mesmo de nacionaes.

A mor parte de nossas patricias veem moças, (donzelas) e nesse ponto muito nos honram; mas ou este clima deleterio, ou o exaltamento da sua imaginação pelo luxo ruidoso e absorvente, o que

é certo é que d'ahi a pouco tempo, são a escumalha social. Degradante destino! Sorte fatal!

Temos, porem, como unico responsavel por estas miserias que nos amesquinham e degradam, o Governo Portuguez.

Entendemos, firmados na experiencia, que o nosso governo só devia deixar embarcar portuguezes menores, quando possuirem, pelo menos, o exame de instrucção primaria, 2.º grau; e moças, unica e exclusivamente quando viessem acompanhadas de pae, ou mãe ou marido.

A continuar assim, não sendo depressa e com energia, posto um entrave a este estado de coisas, o definhamento da raça portugueza será um facto em muito breve tempo. O referver das paixões é intenso; a ambição não tem limites, o fausto e os abusos dos outros cegam-nos a vista, enlouquecem-nos a razão e o fim de todo este recontro de paixões, nada de bom será.

Será bom que o patriotico Governo Portuguez, olhe com um pouco de cuidado para este grave problema.

São esses os nossos desejos. Ahi fica o aviso.

Manoel Vicente da Cruz (Zurc).

Lourenço Marques, 2 de Dezembro

... sr. Redactor:

São, sem duvida, muito lamentaveis os factos occorridos na terra de que me prezo de ser filho. A tantas leguas da mãe-patria e do lar que me creou, parece-me inacreditavel o que, ultimamente, lá tem succedido. Ha pouco tempo ainda, ao abrir o nosso «Correio do Vouga«, na anciedade de encontrar noticias boas e alegres, deparei com a informação do assassinato do João Gabriel, um bom rapaz que conhecia desde creança e de quem era amigo. Agora, a mesma noticia a respeito do João Pio, tambem meu amigo de infancia. Um horror! Ainda ninguem havia esquecido o crime que cobriu de luto a familia do desventurado João Gabriel, e logo outro succede!

Estes attentados impressionaram-me dolorosissimamente, porque nunca suppuz que na minha linda terra d'Eixo houvesse tantos malfeitores, antes tinha a illusão de que todos os meus conterraneos se amavam uns aos outros, como irmãos.

Desfeita essa illusão, resta apenas a esperança de que os criminosos serão julgados com rigorosa justiça, o que eu ardentemente desejo. Exarado d'este modo o meu protesto contra os auctores dos repugnantes crimes, envio ás familias enluctadas as mais sinceras condolencias.

Pela publicação d'estas linhas se confessa muito grato o

De V. etc.

José Fernandes Nunes de Carvalho.

P. S. Tive o prazer de cumprimentar o irmão do nosso amigo e conterraneo Manuel Rodrigues Vieira, que aqui chegou no dia 27 de novembro passado, vindo da metropole.

Teve uma feliz viagem e está de perfeita saude.—*Carvalho.*

A B C Illustrado

POR

ANGELO VIDAL

D. JOÃO DE CASTRO

—=—

A Deshonra

(ROMANCE)

—

Livraria Central de Gomes de Carvalho, editor

158, Rua da Prata, 160—LISBOA

NOTICIARIO

INFORMAÇÃO LOCAL

Subscripção a favor do sr. José Rodrigues Felizardo, digno carteiro d'esta freguezia, que se encontra enfermo ha muitos mezes:

Alfredo C. Magalhães. .	2$500
Sebastião C. Magalhães .	500
José C. Magalhães. . .	1$000
A. Liborio Rocha . . .	500
Um anonymo	3$000
Alexandre Fernandes . .	1$000
Cyrillo Larangeira. . .	1$000
Manuel Gomes Marques .	500
José Gomes Marques. .	500
Manuel dos S. Vagueiro .	500
João Luiz F. d'Abreu .	500
Dr. Orlando Rego. . .	2$000
Anonymo	3$285
Antonio C. Magalhães .	1$000

A importancia de 3$285 reis (10.000 reis fracos) que hoje figura nesta subscripção, foi-nos enviada por um nosso prezado conterraneo, auzente no Brazil, que nos pediu para ocultarmos o seu nome. Dando este esclarecimento, temos apenas o intuito de proporcionar ao nosso amigo José Felizardo uns momentos de satisfação, pois certamente ficará satisfeito, vendo que os seus conterrsneos não o esquecem, nem mesmo os que vivem a tantas leguas de distancia.

D'Alem mar — Recebemos, ultimamente, noticias dos nossos prezados conterraneos, srs. José Fernandes Nunes de Carvalho, José Antonio de Carvalho Junior, João das Neves Martins e David Luiz d'Oliveira, os tres ultimos auzentes no Brazil e o primeiro na Africa.

A todos agradecemos as suas boas palavras, desejando-lhes as maiores felicidades.

Desordem — Na noite de 25 para 26 do corrente, deu-se na R. Avelino de Figueiredo, no mesmo local onde ha pouco tempo mataram o desventurado João Pio, uma desordem entre quatro ou seis individuos engaboados, cujos nomes se desconhecem parecendo apenas que um era o sr. Annibal Ferreira Barbosa que, por signal, apanhou para tabáco, segundo córre.

Já estamos cançados de pedir ao sr. Regedor que tome algumas providencias a respeito da velha usança dos engaboados percorrerem as ruas, a deshoras, armados do classico marmeleiro. A verdade é que ellas se tornam cada vez mais precisas, sendo por isso mesmo cada vez mais lamentavel que não se tomem.

Fallecimento — Falleceu na sexta-feira, pelas 8 horas da manhã, a sr.ª Maria Thereza Rodrigues de Figueiredo, uma excellente senhora, muito amiga da pobreza, que devia contar mais de 80 annos e estava enferma ha muito tempo. Pertencia a uma das familias mais estimadas e mais consideradas d'esta villa, e era querida de quantos a conheciam pelas suas bellas qualidades de coração.

O seu funeral que se realisou hontem, de manhã, foi muito concorrido, vendo-se encorporadas no prestito funebre numerosissimas pessôas d'aqui e até algumas dos logares visinhos. O cadaver da saudosa extincta ficou depositado em jazigo de familia.

Enviâmos as mais sinceras condolencias a toda a familia enluctada e especialmente aos seus filhos e nossos amigos srs. Venancio, Carlos e Sebastião Rodrigues de Figueiredo.

Délivrance—Deu á luz uma galante creança do sexo feminino, a esposa do nosso amigo sr. Innocencio Coelho de Magalhães, a quem enviamos muitas felicitações.

Anniversarios— Fazem annos:

Hoje — O sr. José Maria Rodrigues.

No dia 1—O menino Joaquim Delgado Granja.

No dia 3—O sr. José Nunes de Carvalho e Silva.

No dia 7—O sr. Eutimio Ferreira da Costa.

A todos, muitos parabens.

Estadas — Encontram-se, entre nós, a passar as ferias, os estudantes: Edmundo Coelho de Magalhães, Amadeu dos Santos, João de Pinho Brandão, Manuel Dias de Carvalho, José Affreixo e Dorval Lemos.

—Tem estado entre nós o sr. dr. José da Graça Affreixo, pae do illustrado capitão-tenente sr. Jayme Affreixo.

—De visita ao seu irmão e nosso amigo sr. Antonio Simões da Silva, habil pharmaceutico, está aqui o sr. Caetano Simões.

Doentes—Já sahiu do Hospital da Misericordia do Porto, onde sofreu uma operação, como em devido tempo noticiamos, o nosso presado amigo e conterraneo sr. Sebastião Luiz Flamengo, digno conductor dos caminhos de ferro do Estado. Sinceramente desejamos que se encontre depressa completamente restabelecido.

PELO DISTRICTO

Homenagem a um professor—Subordinada a esta epigraphe publicou o «Seculo» a correspondencia, que abaixo inserimos, datada de S. João de Loure, e acompanhada do retrato do distincto professor a que se refere, o nosso presado amigo sr. Alexandre Vidal a quem abraçamos vivamente satisfeitos, por vermos reconhecidas as suas qualidades de homem honesto e trabalhador.

«Por uma commissão composta de individuos de S. João, residentes em Lisboa, foi entregue ha dias ao deputado sr. Alberto Souto, uma valiosa pena de ouro para este senhor a entregar ao professor da Escola Central d'Aveiro, sr. Alexandre Vidal, em nome da freguezia de S. João, pelos relevantissimos serviços por elle prestados á instrucção e á Republica.

Alexandre Vidal trabalhou sempre com dedicação e desinteresse pouco vulgar, fundando escolas, comissões de amparo a crianças pobres e velhos indigentes; creando e regendo gratuitamente um curso nocturno para adultos, onde habilitou a exame do 1.º grau muitos lavradores, alem de centenares de crianças que habilitou na escola official, não contando até presente uma unica reprovação ou desistencia; e, finalmente, fundando nesta freguezia o partido republicano, que á data de 5 de outubro contava um numeroso grupo de republicanos sinceros e dedicados.

A sua vida é, pois, um modelo de honra, de trabalho e de generosidade que enobrece uma classe e um partido.

O sr. Vidal tem passado a vida ensinando e estudando. Quem hoje o procurar á noite, em Aveiro, encontra-o com a sua blusa de artista, trabalhando junto de operarios na Escola Industrial, onde é assiduo e applicado estudante.

A pena de ouro com que o povo de S. João lhe presta publica homenagem é indelevel prova da sua muita gratidão e reconhecimento e testemunho de quanto são sublimes as suas qualidades de trabalho, de caracter e de coração.

Estadas—Encontra-se em S. João de Loure, onde veio passar alguns dias com a sua familia, o nosso amigo e digno sargento da armada, sr. Ivo Dias Maia.

A AGUIA

Revista quinzenal illustrada de litteratura e critica

Sae a 1 e 15 de cada mez e só publica inéditos.

Toda a correspondencia. relativa a este jornal, deve ser dirigida ao seu director para o Porto, Rua do Commercio do Porto n.º 124-B.

Separação da Egreja do Estado

Os mezarios das Irmandades do Santissimo Sacramento e das Almas d'esta villa, reuniram no dia 24 do corrente, resolvendo dirigir ao parlamento a seguinte representação:

Senhores Deputados e Senadores da Republica Portugueza:

Os mesarios das Irmandades do Santissimo Sacramento e das Almas da Villa e freguezia de Santo Izidoro d'Eixo, concelho d'Aveiro, em virtude da deliberação das suas assembleias geraes, de 24 do corrente, conscios da justiça, que lhes assiste, e de mais confiados na provada retidão dos cidadãos Deputados e Senadores da Republica Portugueza, vem respeitosamente em nome das Irmandades que representam, depois de apreciar os artigos da lei da Separação o seguinte:

Não tendo estas Irmandades recebido qualquer subsidio do Estado, sustentando-se apenas dos seus annuaes, e bemfeitores, veem com desgosto a doutrina do art. 1.º da citada lei, que reconhece e garante a plena liberdade de consciencia a todos os cidadãas portuguezes, contrariada por alguns artigos da mesma lei, que lhe desvia os seus fundos para fins diversos d'aquelles para que foram instituidas estas Irmandades, ficando assim sem a receita precisa, para os sufragios dos Irmãos fallecidos, e para o cumprimento dos legados pios, dos seus bemfeitores, que a referida lei, diz não querer desrespeitar.

1.º Queremos pois que os Estatutos legalmente approvados antes de 20 d'abril, não sejam reformados, fazendo-se-lhes apenas os aditamentos necessarios, mas isentos de sellos e emolumentos, para o que estas Irmandades, já de si pobres, não tem receita.

2.º Que as verbas destinadas a benificiencias, sejam reduzidas a menos d'um terço.

3.º E que esta beneficiencia seja applicada de preferencia aos irmãos pobres e necessitados das suas respectivas freguezias.—O contrario seria uma violencia applicada á voz da consciencia, d'um povo que crê sinceramente nos principios sagrados da religião do Martyr do Calvario, que é o maior numero dos portuguezes.

Cidadãos, Deputados e Senadores: Se amais o povo e defendeis os seus legitimos interesses, attendei ao que o mesmo povo vos representa, mostrando ao Governo a necessidade, da não execução dos artigos 169 e 38 até que nas camaras se resolvam as modificações convenientes, com o sentir da nação, tranquilidade da consciencia e bem estar da Republica.

Eixo, 25 de dezembro, de 1911.

Seguem-se as assignaturas.

Acta da assmbleia geral dos mezarios das Irmandades do Santissimo e das Almas, que reuniram no dia 24, para apreciar a lei da separação da Egreja do Estado.

Aos 24 dias do mez de Dezembro de 1911, na casa aonde se fazem as sessões da Irmandade das Almas da Villa e freguezia de Santo Izidro d'Eixo, reuniram em assembleia geral, os mesarios irmãos da referida Irmandade, afim de resolverem e apreciarem as alterações a fazer nos estatutos segundo os artigos 38 e 169 da lei da separação da Egreja; resolvendo por unanimidade:

1.º Continuar esta Irmandade a conformar-se com a doutrina e disciplina da religião catholica, apostolica, e romana.

2.º Respeitar as leis vigentes, e reformar os estatutos, depois da citada lei ser apreciada pela proxima Assembleia Nacional Constituinte, seguado as conveniencias e sentir da nação, tranquilidade de consciencia e bem estar da Republica.

3.º Que segundo o art.º 38 esta Irmandade fica sem receita para os sufragios dos Irmãos fallecidos, e para o cumprimento dos legados pios dos seus bemfeitores, que a mesma lei, diz não querer desrespeitar, e desejam porisso, que esta Irmandade, conforme a nossa religião preceitua, e comforme é permittido a outras associações, se não desviem dos fins para que lhe foram confiados os subsidios recebidos; authorizam os mezarios a dirigir ao Governo uma reprezentação por intermedio de sua Ex.ª o Governador Civil, pedindo que os estatutos não sejam reformados, fazendo-lhes apenas os aditamentos, precizos, mas isentos de sellos e emulomentos, e que a verba para beneficiencias seja reduzida a menos d'um terço, e que estas sejam applicadas de preferencia aos Irmãos pobres, e aos necessitados d'esta freguezia.

Resolveram mais por maioria dos Irmãos, prezentes, se não forem attendidos na sua justa reclamação, lavraram o seu prottesto, e abandonaram a Irmandade.

Assignados 42 irmãos.

DOS NOSSOS CORRESPONDENTES

Lisboa, 29

Depois de uma grande temporada de chuva impertinente, voltou o bom tempo, mas com um frio de arripiar os cabellos. Hoje, ao romper da manhã, cobria a cidade um denso nevoeiro que so se desfez depois das onze horas.

—Passou, ha dias, o anniversario natalicio da sr.ª Thereza Martins da Silva, natural de S. João de Loure, mas aqui residente. Felicitamo-la, bem como ao seu extremoso marido e nosso amigo sr. Manuel Lopes.

—O dia de Natal, este anno, foi assignalado por varias desordens e crimes. No domingo, á noite, houve um assassinato na Mouraria, sendo o criminoso um tal Agostinho Quadros, ha muito conhecido como um rufia temivel, que morava na villa Mendonça, ali a S. Bento.

Na terça-feira, quando estava a ser interrogado na Boa-Hora, vimo-lo confessar o crime, todo ancho da sua façanha, dizendo que o comettera em legitima defeza, e que, se fosse para a Penitenciaria ou para a Africa, que seria sempre o mesmo homem, que já lá havia estado e que não tinha morrido e que o mundo era para os homens; de resto, que tudo isto era um commercio: ganhavam os escrivães, os juizes e os advogados.

A um homem d'esta natureza deve ser applicado todo o rigor da justiça.

—Quando o sr. Antonio Dias de Mello passava, ha dias, na estação do Rego, foi agredido por um maltez que lhe fez uma brécha na cara, sendo levado a curar-se ao hospital pelo guarda-fiscal n.º 280. Creio que o sr. Mello já participou o caso na policia. Muito estimaremos que o mariolão receba o premio da sua façanha.

—Retirou d'esta cidade para Cezimbra o nosso presado amigo sr. Manuel Marques dos Santos que ali vae fixar residencia. Fazemos votos porque a sorte lhe corra á medida dos seus desejos.—*Correspondente.*

—=—

Idem, 28

(PARTICULAR)

Depois de ter passado aqui algum tempo, retirou, doente, para essa villa a menina Ermelínda de Jesus Canellas cujas melhoras desejamos.

—No domingo passado, andando o sr. Antonio de Jesus, afilhado do sr. Antonio Marques da Silva, a trabalhar numas obras em Alcantara, teve a infelicidade de cahir da altura d'um 3.º andar. Ficou muito maguado, mas, felizmente, está livre de perigo.

—Completa, hoje, 18 primaveras a menina Maria de Jesus Pereira, natural e residente em Azurva. D'aqui lhe enviamos os mais cordeaes parabens.—*Pedro.*

Por ter chegado tarde ao nosso poder, sômos obrigados a deixar para o proximo numero a correspondencia de Nojões (Castello de Paiva).

LIVRARIA FERNANDES

SUCCESSOR J. PEREIRA DA SILVA

Largo dos Loyos, 45—PORTO

Ultimas publicações:

MANUSCRIPTO

DAS

ESCOLAS PRIMARIAS

(Illustrado)

por Angelo Vidal

Cuidadosamente organisado, contendo variados typos de letra, alguns muitos proprios para modelos calligraphicos, modelos de requerimentos, letras, cheques, etc.

Autographos de distinctos escriptores e de grande numero de professores.

Broch. 120 Enc. 200 reis

Desenho Geometrico dos Lyceus, para as 4.ª e 5.ª classes, por Angelo Vidal.

—=—

Á VENDA EM TODAS AS LIVRARIAS

Para festas das creanças

Puerilidades

por *Angelo Vidal*

Poesias e monologos para creanças. Com o retrato do auctor.

Brochado 250 reis Encadernado 350

PORTUGAL NA CRUZ

Versos de BERNARDO PASSOS

Edição da *Livraria Central,* de Gomes de Carvalho—158, Rua da Prata, 160, LISBOA.

GRAMMATICA ELEMENTAR

DA

LINGUA PORTUGUEZA

PARA

USO DOS ALUMNOS

D'INSTRUCÇÃO PRIMARIA

Elaborada segundo os actuaes programmas

POR

ALBANO DE SOUZA

3. EDIÇÃO MELHORADA

—=—

Este compendio facilita o ensino tornando-o muito simples, pratico e intuitivo. Teem nelle um valioso auxiliar os snrs. professores, porque torna ás creanças d'uma grande suavidade e portanto, extremamente facil, esta disciplina tão ardua, tão complexa.

Cartonado 150 réis

PROGRAMMAS D'INSTRUCÇAO PRIMARIA—Com modelos para requerimentos de exames de nstrucção primaria. BROCHADO 60 REIS.

TABOADA e noções de Arithmetica e Systema metrico, em harmonia com o programma, para as 1.ª 2.ª e 3.ª classes de Instruccão Primaria, por A. M. F.

3.ª edição . . . 100 reis

ANGELO VIDAL

A B C ILLUSTRADO

A' venda em todas as livrarias.

Manuscripto das Escolas Primarias

POR

Angelo Vidal

—

Edição da *Livraria Fernandes*

Suc. J. Pereira da Silva

44—Largo dos Loyos—45

PORTO

—=—

O *Manuscripto das Escolas Primarias*—contem exercicios graduados e variadissimos de letras de penna, illustrado em cada pagina com desenhos originaes acommodados á obra e em que mais uma vez se revela a fecundidade e o espirito do auctor.

De todos os paleographos que conhecemos este é, sem duvida, o mais completo, variado e attrahente. Alem d'isso é para nós o mais sympathico por ser devido á penna d'um amigo e conhecido de quem se póde dizer, como alguem disse do mallogrado Pinheiro Chagas, alludindo ao seu trabalho de todos os dias — precisa de fritar os miolos á familia no dia seguinte

Depois, o preço é tão modico, 120 reis, apenas, se compararmos ao volume da obra e ao seu merito intrinseco, que suscita o desejo de o adquirir mesmo a quem supponha que não precisarão d'elle.

(Da *Vitalidade* de 17 d'outubro, 1908).

A FAMILIA MALDONADO

POR

VIEIRA DA COSTA

E

OS TRISTES

POR

FRANCISCO BARROS LOBO

—

Livraria editora de Gomes de Carvalho--- Rua da Prata, 158 e 160—Lisboa.

A B C

ILLUSTRADO

POR

ANGELO VIDAL

A' venda em todas as livrarias.

2.ª edição—Brochado 60—Cart. 100

Convencido de que «a facilidade da leitura está para a creança na razão directa da retenção na memoria do nome das letras», procurou o auctor, n'este modestissimo trabalho, conseguir este fim por meio de desenhos mnemonicos.

A acceitação que este livrinho vai tendo, anima-nos a recommenda-lo ao professorado.

Quadros parietaes d'este methodo: — Collecção de 12 quadros em papel, 306 reis. Collecção de 12 quadros collados em cartão-2$300 reis.

LÉON TOLSTOI

Ao Clero. A destruição do inferno e a sua restauração. Traduzido por Mayer Garção. 1 vol. 200.

O que é a religião? Traducção de Heliodoro Salgado. 1 vol. 200

Pão para a bocca. Origem do mal. Traducção de Affonso Gayo. 1 vol. 100.

Razão, fé, oração. Tres cartas traduzidas por Marianna Carvalhaes. 1 vol. 100.

(O Bom senso do) A Razão d'um Padre. Traducção de M., com uma noticia de França Borges. 1 vol., 500.

Atravez das edades. Poemete offerecido ás piedosas reflexões do sr. Arcebispo de Evora, por Heliodoro Salgado. 1 vol., 200.

O Seculo e o Clero, por João Bonança 2.ª edição. 1 vol., 300

A mentira religiosa, por Max Nordau. Traducção de Affonso Gayo. 1 vol., 100

LIVRARIA CENTRAL

DE

Gomes de Carvalho, editor

158, Rua da Prata, 160—LISBOA

MALVERT

—

SCIENCIA E RELIGIÃO

Traduzida da 3.ª edição franceza por

HELIODORO SALGADO

Esta obra é um ensaio de vulgarisação, em fórma clara e attrahentes dos dados positivos fornecidos pela sciencia moderna sobre a genése e cohesão das religiões especialmente da chistã, projectando uma lua novo sobre problemas a que nenhum homem intelligente, seja qual fôr a sua opinião e a sua crença, poderá ficar indifferente.

1 volume com 156 gravuras

Preço 500 réis

Bibliotheca Humoristica

A RIR... A RIR...

DIRECTOR E UNICO REDACTOR

Ferreira Manso (V. LHACO)

PUBLICAÇÃO QUINZENAL

50 rs.--32 paginas--50 rs.

A RIR... A RIR... não é o titulo d'uma publicação periodico, de caracter permanente, com a qual o auctor irá buzinar, duas vezes por mez, aos ouvidos do publico enfastiado;

A RIR... A RIR... é o titulo do 1.º volume da «Bibliotheca Humoristica», fundada pela Livraria Central, de Gomes de Carvalho, rua da Prata, 158, e que será publicado em folhetos de 32 paginas, de numeração seguida, constituindo ao fim de 10 numeros, um elegante volume de 320 paginas, com o retrato do auctor e cem pequenos artigos de critica aos exaggeros, aos ridiculos, aos prejuizos da sociedade.

Ao A RIR... A RIR... seguir-se-hão as «Gargalhadas satanicas», com as quaes V. Lhaco castigará todos os typos que representam a tyrannia, a exploração, emfim, a reacção em todas as suas manifestações; a estas, «A Moral» e a «Litteratura»; depois as «Dejecções Theatraes», etc., etc.

A RIR... A RIR..., como todos os volumes que hão-de seguir-se, é uma publicação typica, unica no seu genero, tendo a caracterisal-a o bom humor permanente, a originalidade, a variedade, a barateza.

A RIR... A RIR... é um verdadeiro desopilante.

Á venda em todas as Livrarias

CORREIO DO VOUGA

(EIXO)

Semanario independente, noticioso, pedagogico e iitterario

Redacção e Administração:
R. do Commercio do Porto, 124-B

ASSIGNATURA
(Pagamento adiantado)

Portugal—anno	1$200
« —semestre	600
Africa —anno	1$500
Brazil—anno—(moeda forte) .	2$200

PUBLICAÇÕES

Annuncios, por cada linha . . 10 reis
Communicados, cada linha . . 20 »

—

Para os srs. assignantes 25 p. c. de abatimento.

—

Annunciam-se, gratuitamente, todas as publicações que nos forem enviadas.

4.º ANNO—N.º 51

CORREIO DO VOUGA

(EIXO)

Redacção e Administração--R. do Commercio do Porto, 124-B--PORTO

Exm.º Snr.